

**A DEMONIZAÇÃO DA MULHER:
UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM MARGARIDA NA OBRA *O SEMINARISTA***

**THE DEMONIZATION OF WOMEN:
AN ANALYSIS ABOUT THE CHARACTER MARGARIDA IN THE
NOVEL *O SEMINARISTA***

PINHEIRO, Veralúcia
SILVA, Rosenilda Rodrigues da
MACIE, Roseli Martins Tristão

Resumo: Inserido na estética romântica, Bernardo Guimarães em 1872 publica pela primeira vez a obra *O Seminarista*, sobre a trágica história de amor entre Eugênio e Margarida, no interior de Minas Gerais. Neste artigo, nosso objetivo é analisar o processo de demonização da mulher construído por meio de argumentos místicos sobre Margarida, personagem central da obra. Esta, quando criança, em um breve descuido dos adultos brinca com uma cobra que se enrola em seu corpo, sem, no entanto, agredi-la. É este o elemento desencadeador da representação demoníaca de Margarida que, no imaginário popular da época, ao brincar com a cobra, teria se identificado com o animal. A elaboração do estereótipo feminino na literatura, desde a Antiguidade, traz em seu bojo características que são interiorizados pela sociedade.

Palavras-chave: Demonização. Mito. Mulher.

Abstract: Inserted in romantic aesthetics, Bernardo Guimarães in 1872 publishes for the first time the novel *O Seminarista*, about the tragic love story between Eugênio and Margarida, happened in a small town in the state of Minas Gerais, Brazil. In this article, our objective is to analyze the process of demonization of the woman, constructed through mystical arguments about Margarida, central character of the novel. Margarida, as a child, in a brief carelessness of the adults, plays with a snake that coils in his body, without, however, assaulting her. This is the triggering element of the demonic representation of Margarida who, in the popular imaginary of the time, when playing with the snake, would have identified with the animal. The elaboration of the female stereotype in literature, since Antiquity, has in its bulge characteristics that are internalized by society.

Keywords: Demonization. Myth. Woman.

INTRODUÇÃO

O romance *O Seminarista*, de Bernardo Guimarães, atualmente em domínio público, foi publicada pela primeira vez em 1872. Embora, segundo Bosi (2006), esta obra seja a marca do protesto de Guimarães contra o cerceamento do instinto pelo voto

precoce da castidade, além de se encontrar na linha do romance passional que se expressa na loucura do Padre Eugênio após a violação de suas promessas religiosas, nosso interesse pela obra não coincide com essas questões. Ao invés disso, nosso foco é a construção mística que demoniza a mulher, especialmente aquelas oriundas das camadas exploradas e oprimidas, representadas na obra pela personagem Margarida.

Inserido na estética romântica, Bernardo Guimarães narra a trágica história de amor entre Eugênio e Margarida, cujas ações têm como cenário a paisagem do interior mineiro com seus hábitos, crenças, modismos e provérbios populares, típicos das regiões interioranas e que configuram o romance regionalista. O tempo que predomina na narrativa é o cronológico, embora o narrador se utilize, em determinados momentos, de concisas retrospectivas para explicar o contexto histórico de alguns personagens.

Assim, o leitor acompanha o destino de Eugênio e Margarida a partir de uma história de amor que nasce durante a infância e, mesmo interrompida, se prolonga por toda a vida de ambos. São duas crianças que partilham os momentos de inocência, as brincadeiras infantis e crescem juntas, até o momento em que o senhor Antunes, pai de Eugênio, decide enviar o filho ao seminário para tornar-se padre. Mesmo distantes, Margarida e Eugênio continuam unidos por um forte sentimento, cuja expressão são as cartas que Eugênio escreve para Margarida e as guarda em seu aposento.

A descoberta dessas cartas pelo padre-mestre marca a desgraça do casal e principalmente da jovem e bela Margarida. Pobre, órfã de pai, no Brasil do século XIX, a moça ousa recusar um casamento arranjado pelos pais de Eugênio, para que este se desencantasse dela. Em função de tal recusa, Margarida e sua mãe são expulsas da fazenda do senhor Antunes, passando a viver na miséria, o que nos reporta também a certos aspectos do mito grego sobre “Prometeu acorrentado” do dramaturgo Ésquilo.

O mito está relacionado com a condição humana de alguns – sobretudo os desobedientes – que devem ser subjogados pela força da tradição e da cultura. Ou seja, tanto Prometeu quanto Margarida, diante de seus algozes, apresentam orgulho, resistência e dignidade, demonstrando que suas grandezas os impossibilitam de aceitar as normas que lhes são atribuídas e, principalmente, de pedir clemência ou mostrar-se arrependidos. E isto é sintetizado nas palavras de Prometeu quando, mesmo desamparado e subjogado, vocifera que não trocaria sua miséria pela servidão do seu opressor e fiel laçao de Zeus (ÉSQUILO, 1993). E assim o fez também Margarida,

preferindo a miséria do que se curvar ao que os outros, por intuições e crenças religiosas, lhe determinavam.

Essas intuições religiosas e seus mitos e credences antecedem e acompanham os infortúnios de Margarida e Eugênio. Trata-se de um incidente com uma cobra que se enrolou no corpo da menina quando esta tinha apenas dois anos de idade. A partir de então, a mãe de Eugênio – retratada por Guimarães como uma mulher fanática e supersticiosa –, acredita que a cobra simboliza o demônio por ter levado Eva ao pecado. E, assim, ao envolver a menina sem, no entanto, matá-la com seu veneno, a matriarca acredita que ambas, tanto a cobra quanto Margarida, simbolizam o mal – isto é, o demônio – que veio assolar sua família. É esse processo de “demonização” da personagem na obra de Bernardo Guimarães que nos interessa nesse artigo.

Portanto, para os objetivos propostos no presente texto, será desenvolvida primeiramente uma breve análise acerca da mulher na sociedade ocidental, demonstrando que sua representação, enquanto instrumento de propagação do “mal”, possui raízes históricas antigas que se desdobram desde a Bíblia à mitologia Grega e passam por concepções modernas a partir de uma perspectiva masculina. Em seguida, será dado um enfoque às mulheres na obra *O Seminarista*, cuja narrativa, apesar de não criticar a condição social da mulher no Brasil do século XIX, descreve a situação de Margarida e de sua mãe, o que nos permite refletir sobre questões que envolvem as condições sociais e a realidade do passado em que a mulher se encontrava mergulhada. Num terceiro momento, será abordada a temática do Seminário que, na ficção de Guimarães, simboliza clausura e rígida disciplina, além de preparar os novos clérigos e promover a educação das elites da época. E, por último, nas considerações finais, serão abordadas e analisadas algumas questões relacionadas à condição da mulher na estrutura social, assim como o processo, forjado pelo catolicismo, que a associa ao mal e que evoluiu para a criação de figuras rituais e iconográficas que adaptam continuamente a religião aos interesses dominantes de cada época.

A mulher na sociedade ocidental

A representação da mulher enquanto instrumento de propagação das forças malignas possui raízes históricas muito antigas. Esta associação da mulher ao mal que se credita a Bíblia (livro de Gênesis) no mundo ocidental encontra-se também na

mitologia Grega. Nesse sentido, a pesquisa de Menezes (1985) nos apresenta uma síntese do mito de Pandora:

Após o crime de Prometeu, para punir os homens, todos os deuses, por ordem de Zeus, concorreram para o surgimento de Pandora, a primeira mulher. Em seu *Os Trabalhos e os Dias*, HESÍODO nos informa que Zeus afirmara: "Eu darei de presente aos homens um mal em que todos, no fundo do coração, se deleitarão em rodear de amor sua própria desgraça." E o poeta comenta: "Ele disse isso e estourou de rir..." Assim foi: Hefesto modelou com argila o corpo de uma mulher e o animou; Atena revestiu-a de uma túnica de ofuscante brancura e lhe ensinou as habilidades manuais; Afrodite ornou-lhe a cabeça com uma coroa de ouro e deu-lhe a beleza; Apolo trouxe-lhe o talento musical e Hermes, a astúcia e a sedução, etc. Zeus, enfim, deu-lhe uma caixa fechada, ordenando-lhe que não deveria abri-la, e que a levasse a Prometeu. Este, temendo uma cilada, recusou-se a recebê-la. Epimeteu, irmão de Prometeu, seduzido pelos encantos da linda jovem, tomou-a por esposa. Um dia, por curiosidade, Pandora levantou a tampa da caixa e dela escaparam todos os males, que se espalharam pela Terra. Pandora fechou-a apressadamente, mas no fundo do recipiente, só restou a esperança, último consolo dos mortais (MENEZES, 1985, p. 98).

A imagem da mulher é então, associada ao mal desde a Antiguidade, em uma relação que se materializou no pensamento grego. Nele, as atribuições femininas que, supostamente, davam margem à propagação das forças do mal eram a astúcia e a curiosidade. Também no mito de Eva, a mulher, usando de suas artimanhas, convenceu Adão a comer do fruto proibido, tendo sido condenada ao trabalho do parto que representa profundo sofrimento: "multiplicarei as dores de tua gravidez, na dor darás à luz filhos. Teu desejo te levará ao homem e ele te dominará" (GÊNESIS, 3:16). Assim, tanto na mitologia grega quanto no mito da criação que domina o imaginário ocidental, a mulher é a origem do mal que aflige a humanidade.

Se na Antiguidade os mitos contribuíram para vincular a imagem da mulher ao mal, na Idade Média tal processo desembocou na associação da mulher ao demônio de forma acentuada, no Ocidente cristão, período no qual a religiosidade foi um dos instrumentos norteadores do pensamento social. Ao considerar a mulher como propensa a constituir pactos com o demônio, os Inquisidores evocavam o mito de Eva, que foi tentada pela serpente (o mal), atraindo para a Terra a fúria divina. De modo que, para Silva (2011), no imaginário cristão, desde o início dos tempos, a mulher era a parceira do mal, instrumento utilizado pelo diabo na luta contra Deus. Por isso, a culpa pelas tragédias humanas quase sempre recaía sobre as mulheres, especialmente as consideradas bruxas, associadas categoricamente pela Igreja ao mal.

Enquanto sujeito histórico, a figura da mulher foi construída a partir da visão masculina. Nesse sentido, Nascimento (1997) afirma que as ideias que relacionavam a mulher ao mal foram difundidas, principalmente, por homens da igreja. Para esses homens, a figura da mulher representava o perigo carnal e espiritual que deveria ser evitado. Usadas pelo demônio devido às suas fraquezas, a elas eram atribuídas denúncias de feitiçaria, bruxaria e pactos satânicos. Sob a ótica masculina, a imagem da mulher apresenta também ambiguidades, como a capacidade de conceber, que é tida como sua função essencial, pois garante a perpetuação da espécie; porém, isso instigava o homem e provocava nele o temor em relação ao sexo oposto.

Para Follador (2007), foi também na Idade Média que ocorreu o fortalecimento do culto à Virgem Maria e a ênfase em suas qualidades. Segundo a autora, ao final do século XI os cristãos esforçavam-se para transformar este ser diabólico em uma fonte de bem. Mas a imagem das descendentes de Eva, pecadoras e sedutoras, permaneceu no imaginário dos cristãos ao longo da história. Contrapondo-se a isso, desenvolve-se, a partir do século XII, o culto à Virgem Maria capaz de conceber sem pecar, representando o ideal de mulher pura, assexuada, angelical. Este ideal de mulher deveria ser seguido pelas demais, devendo, para tanto, renunciar ao legado de Eva, cuja sexualidade simbolizava o castigo divino.

Antes da modernidade, a inserção do indivíduo no mundo da escrita e da leitura ocorria por meio da escolástica. Essa designação é usada tanto para se referir ao sistema de pensamento quanto ao método de ensino da época. Além disso, muito do que se conhece sobre as mulheres dessa época saiu das mãos dos religiosos que desconheciam o mundo feminino. Desse modo, os escritos

[...] nos quais transparece o mundo feminino possuem uma forte carga de *misoginia*, ou aversão clerical. A grande maioria dos textos medievais que falam sobre as mulheres traz a figura da mulher singular como se apenas uma imagem contivesse em si todas as possibilidades de vida das mulheres, sem muita distinção de tempo, lugar e posição social. (GEVEHR; SOUZA, 2014, p. 116).

Supostamente a modernidade com seus filósofos iluministas simbolizaria o predomínio da razão em relação às ideias místicas; porém, em relação à mulher, os estudos científicos baseados no positivismo, ao contrário de contribuir para sua liberdade, reforçou o processo de demonização. Pois, segundo Bareuther (2015), Bacon, considerou que, justamente a parte da natureza não dominada caracterizada como

anárquica, ameaçadora, difusamente múltipla e impura é feminina, constituindo-se, portanto, como o avesso do sujeito integrado a ordem capitalista. Na compreensão da autora, em Bacon, a natureza só é masculina naquilo que a sua cognoscibilidade garante a racionalidade e que se aproxima ao que é idêntico a Deus, à criação e ao ser humano, tal como ao soberano, ao direito e ao sujeito jurídico.

Desse modo, para Bacon, os antigos¹ ao perceberem a própria incapacidade de dominar a natureza acabam sofrendo as angústias inerentes ao reino da fantasia, cujos despropósitos, segundo ele, vinculam-se a ideia de uma natureza descontrolada que precisa ser disciplinada. A sensibilidade deve ser padronizada para produzir a objetivação da natureza. De acordo com essa compreensão, foi necessário que a humanidade passasse por todo tipo de sofrimento até que se formasse o eu, o caráter idêntico, determinado e viril do homem.

Tal pressuposto diz respeito não apenas ao potencial da sociedade, mas também ao potencial do conhecimento, sendo que um pouco de tudo isso permanece ainda em nosso tempo por toda a educação básica. Assim, “a constituição do sujeito burguês no início da Modernidade é a condição para o desaparecimento da natureza simplesmente não dominada em favor da natureza ainda não teoricamente conhecida nem praticamente dominada” (BAREUTHER, 2015, p. 9).

As mulheres na obra *O Seminarista*

A narrativa de Guimarães, embora não critique a condição social da mulher no Brasil do século XIX, ao descrever a situação de Margarida e de sua mãe, nos permite refletir, com os dados do presente, questões que envolvem a realidade do passado em que a mulher se encontrava mergulhada.

Umbelina e sua filha Margarida são agregadas da fazenda de Francisco Antunes. Ao ficar viúva e desamparada, o fazendeiro as acolhe por consideração à amizade que tinha com o falecido. O pai da menina era alferes da cavalaria e havia morrido nas guerras do Rio Grande do Sul. Após sua morte, a filha e a esposa, sem a presença de um homem em casa e sem recursos suficientes para viver sem trabalhar, enfrentariam sérias dificuldades. Nesse contexto, Margarida cresce tendo como

¹ Escolásticos aristotélicos, filósofos e mágicos.

referência paterna o seu padrinho Antunes que, antes de saber da paixão dos jovens, a trata com gentileza e consideração.

Percebe-se, a princípio, que Guimarães já demonstra, em sua obra, a marginalização da mulher – viúva e pobre – daqueles tempos. Umbelina e sua filha tiveram como única opção tornarem-se agregadas, passando a viver sob a tutela do Senhor Antunes.

Enquanto crianças, Eugênio, com o pouco conhecimento que possuía, tentaram ensinar Margarida e ler e escrever. O processo foi interrompido porque Margarida tinha que ajudar sua mãe nos afazeres domésticos. Para Romanelli (2002, p. 33), nesse período, apenas um grupo restrito de pessoas tinham acesso à educação e, desse grupo, ainda estavam excluídas as mulheres.

Umbelina e Margarida se sustentavam por meio dos recursos provenientes de uma taberna à beira da estrada. Nela vendia-se aguardente e quitandas aos viajantes que por lá passavam. Para complementar o sustento, também se vendia leite, frutas e hortaliças cultivadas em seu quintal. O plantio e a colheita desses produtos eram realizados por meio dos mutirões. No dia em que este evento ocorria,

[...] a casa de Umbelina amanhecia em grande animação e alvoroço. Via-se lá entrando e saindo muita gente do que de ordinário; matavam-se frangos, o forno trabalhava, o fogão deitava fumaça mais do que de costume e reinava atividade e movimento que faria crer que naquele dia ali se festejava algum batizado ou casamento. Não havia, porém, nada disso. O que havia era apenas um mutirão (GUIMARÃES 1994, p. 71-72).

A pequena lavradora, que vivia como agregada na grande fazenda, não possuindo terra e nem braços para cultivá-la, usava essa forma de cooperação para garantir o plantio e a colheita. No fim do dia, após o trabalho árduo na lavoura, a dona da casa, conforme costume da época, oferecia festa regada à comida e bebida, para o divertimento dos trabalhadores.

A assiduidade das visitas de Eugênio à casa de Umbelina revelou o começo do namoro entre os jovens. Os pais de Eugênio haviam proibido suas idas, pois, para um aspirante a padre não convinha amizade tão próxima com uma moça. Mas, no dia do mutirão, utilizando-se de uma mentira, o rapaz consegue escapar, indo participar da festa. Um desentendimento entre Eugênio e um pretendente de Margarida fez a notícia chegar aos pais do futuro seminarista. O senhor Antunes repreende o jovem, que

confessa seu desejo de renunciar ao celibato para casar-se com Margarida. É evidente que seus pais não concordam com a vontade do garoto e se irritam com ele: “És um tolo ainda meu filho; não sabes o que é o mundo ainda, e aquela rapariga anda revirando-te os miolos [...] não ei de consentir que deixes de seguir uma carreira tão honrosa por amor a uma miserável.” (GUIMARÃES 1994, p. 42).

A partir desse episódio, a menina, que antes era tratada com afeto e bondade, passa a representar uma ameaça, cuja perspectiva é a corrupção de Eugênio e o consequente desvio do caminho traçado por seus pais. Por tudo isso, o rapaz é obrigado a voltar para o seminário, mesmo contra sua vontade. Em seguida, os Antunes tentam arranjar um casamento para Margarida, mas, diante da sua recusa, elas são expulsas da fazenda.

Mãe e filha migram para a vila de Tamanduá e vão morar com uma velha parenta ainda mais pobre do que elas. Umbelina, velha e doente, fica impossibilitada de trabalhar. Margarida sem posses sustenta sua mãe com trabalhos braçais, cosendo, lavando e engomando roupas. Mas, a pobreza dificultava a sobrevivência de ambas. Além disso, a jovem ficou exposta à sedução e à prostituição. A juventude e a beleza de Margarida a deixava ainda mais desprotegida.

[...] como se via, sua pureza navegava entre mil riscos em um mar semeado de cachopos e sirtes traiçoeiras, e como lâmpadas expostas a todos os ventos, mantinha-se como por um milagre. Não faltaram libertinos e sedutores, que dispo de favores da fortuna, da posição e da mocidade, empregassem inúteis esforços para arrastá-la ao lado da prostituição (GUIMARÃES, 1994, p. 117).

Paralelamente, cega pela religião e pela superstição, a Senhora Antunes alimenta seu maior desejo de ver o filho Eugênio padre. Sua superstição é evidenciada pelo incidente envolvendo Margarida e uma cobra. Segundo o narrador, a pequena Margarida tinha apenas dois anos de idade, e estava brincando no quintal, quando se desgarrou por um momento da moça que a vigiava, e também de seu inseparável companheiro de brincadeiras de infância. Nesse breve espaço de tempo, a menina foi encontrada

[...] assentada na relva junto de uma fonte a brincar [...] com uma formidável e truculenta jararaca. A cobra enrolava-se nela em anéis em volta da criança, lambia-lhes os pés e as mãos com a rubra e farpada língua e dava-lhe beijos na face” (GUIMARÃES, 1994, p. 23).

No decorrer da narrativa, esse incidente atormentará a mãe de Eugênio. Ela tem a convicção que o acontecimento teria sido um prenúncio do mal. Ora, mesmo que o narrador procure apresentar a mãe de Eugênio como portadora de uma natureza fanática e supersticiosa, é preciso verificar as fontes de tais concepções no contexto do século XIX no Brasil. Priore (1993) nos mostra que a construção histórica da dominação masculina nas relações conjugais se deu a partir do discurso da Igreja sobre a intemperança e lascívia das mulheres, que procurava reforçar a ideia de que Adão fora induzido em tentação por Eva, e não Eva por Adão, sendo, então, justo que o homem assumisse o governo da mulher. Portanto, trata-se de uma construção social e não de uma natureza como quer Guimarães. À mãe de Eugênio, coube tão somente assimilar e reproduzir tais concepções inerentes à ideologia da época.

Outro aspecto importante discutido pelo narrador diz respeito à sexualidade, ou melhor, às características atribuídas à jovem, cujos adjetivos contribuem para o discurso que construirá sua figura ao longo da narrativa. Segundo Guimarães (1994, p. 18), “A menina era morena, de olhos grandes, negros e cheios de vivacidade, de corpo esbelto e flexível como o pendão da embaúba”. Ao descrever o corpo de Margarida percebe-se, desde o início da obra, que o narrador chama a atenção para a beleza e a sensualidade do corpo feminino, ao afirmar que, mesmo em sua condição humilde, sem possibilidade de aquisição de adereços necessários à mulher, a beleza de Margarida

[...] atraía a atenção geral, e fascinava todos os olhos. Lavando roupa, com os lindos braços nus, como as asas de uma ânfora de alabastro, os cabelos entornados pelos ombros, como a ramagem do salgueiro, com os pés embebidos na água e as roupas regaçadas deixando ver as extremidades de duas colunas do mais perfeito lavor era a náia de fonte (GUIMARÃES, 1994, p. 117).

Essa sensualidade de Margarida não aparece na representação de Eugênio. Ao invés disso, ressalta-se no personagem as características que lhe imputam pureza, inocência. “O rapaz era alvo, de cabelos castanhos, de olhar meigo e plácido e em sua fisionomia como em todo o seu ser transluziam indícios de uma índole pacata, doce e branda” (GUIMARÃES 1994, p. 18). Logo, essa índole do garoto o deixa vulnerável à influência do mal representado na figura de Margarida, que pode desviá-lo do sacerdócio.

A narrativa de Guimarães contrapõe-se ao pressuposto de que essa associação da mulher ao mal foi produzida e reproduzida exclusivamente por indivíduos do sexo

masculino. Na obra em questão, a demonização da mulher, de forma mais contundente é feita justamente por outra mulher, a mãe de Eugênio, para quem a aventura da cobra enleando-se no corpo de Margarida

[...] nunca lhe saía da lembrança, lhe incomodara sempre o espírito. Agora, refletindo sobre a cega e ardente afeição que a menina ia inspirando cada vez mais a seu filho, entrou a nutrir as mais tristes e sombrias apreensões, e acabou por convencer-se que não era senão o demônio, que em figura de cobra viera lançar no seio da menina o germe da tentação para seduzir seu filho, desviá-lo de sua santa vocação, e arrastá-lo ao caminho da perdição. (GUIMARÃES, 1994, p. 70).

O incidente vivenciado por Margarida reporta a um dos mais conhecidos mitos da Bíblia. Nele, Eva morde a maçã e renuncia ao paraíso influenciada pela serpente, disfarçada de Satã. A partir desse momento, a serpente simboliza, no Cristianismo, o pecado, um animal traidor, calculista, do submundo, associado ao demônio.

O Seminário: a vida escolar como símbolo da separação do mundo adulto

Ariès (1978), em sua obra *História Social da Criança e da Família*, defende a tese de que, na Idade Média, não existia um sentimento de infância e, por isso, não havia separação entre o mundo adulto e o mundo infantil. Para o autor, foi necessário a pressão dos educadores para separar o escolar do adulto boêmio, ambos herdeiros de um tempo em que a elegância de atitude e de linguagem era reservada não ao clérigo, mas ao adulto cortês. Uma nova noção moral, contudo, deveria distinguir a criança, ao menos a escolar, e separá-la deste ambiente adulto.

Assim, segundo Ariès (1978), no fim do século XVIII, na Europa, o ciclo escolar era semelhante ao do século XIX, ou seja, quatro ou cinco anos no mínimo. A criança, enquanto durava sua escolaridade, era submetida a uma disciplina bastante rigorosa, e essa disciplina a separava do mundo adulto, ao mesmo tempo em que lhe retirava a liberdade. A partir de então a infância prolongou-se até o período compreendido por este ciclo escolar.

No século XIX surgem no Brasil, os seminários jesuítas, os quais, além de preparar os novos clérigos, promovem a educação das elites, por meio da separação do estudante do mundo adulto. Também na ficção de Guimarães o seminário simboliza

clausura e rígida disciplina. Nele, Eugênio experimenta o drama de viver entre a obediência aos pais, devendo para tanto, tornar-se padre, e a paixão por Margarida.

Ao longo do enredo, Guimarães (1994) tece críticas à educação ministrada nos seminários, para ele essa instituição é mais adequada para formar ursos do que homens sociais. Esse tipo de instrução sufoca as manifestações espontâneas do espírito e as expansões afetuosas do coração: “O rapaz que sai de um seminário depois de estar ali alguns anos, faz na sociedade a figura de um idiota” (p. 58).

Neste contexto, emerge em Eugênio o princípio do que seria a aptidão para a poesia. Em meio aos manuscritos de latim, o garoto escreve poesias para Margarida; porém, seus versos mal-acabados foram considerados grave delito, deixando o diretor escandalizado. Diante dessa situação, resolve chamar o rapaz e interrogá-lo de forma rigorosa para conhecer as motivações do rapaz para tamanha libertinagem: “Que hipócrita! – Exclamava o padre [...]. Em tão tenra idade e já com o coração corrompido! Ah! Velhaquete!... E andava-me aqui com carinha de santo!... Que castigo merece uma hipocrisia tal!!” (GUIMARÃES, 1994, p. 43).

Eugênio segue sua vida no seminário, mas suas angústias e conflitos internos não diminuem. Um dia, em consonância com os rituais eclesiásticos, procura alento na confissão litúrgica, considerada ideal para aliviar os males da alma. Relata ao padre seu amor por Margarida e o profundo sentimento de culpa que esse amor lhe provoca. Por sua vez, o padre procurou persuadi-lo a continuar naquela luta que certamente agrada a Deus, e

[...] que tivesse fé e esperança na misericórdia divina, que alcançaria segura e completa vitória. Entre outras muitas coisas santas e saltares que disse ao menino, fez-lhe ver decerto Margarida, como criança que era, já há muito dele se teria esquecido, e que não era senão o demônio que tomava a figura dessa menina para perturbar-lhe o espírito, arredá-lo de uma santa vocação, e arrastá-lo ao caminho da condenação eterna; que se lembrasse que o espírito das trevas querendo perder nossos primeiros pais transformou-se em uma serpente, que enleando-se submissa e dolosa aos pés de Eva, lançou-lhe n’ alma o germe da desobediência e da cobiça, o que fez perderem para sempre, ela e o seu companheiro, as delícias do paraíso terreal (GUIMARÃES, 1994, p. 50).

A figura de Margarida se traduz, segundo a fala do padre, como tentação do demônio cujo objetivo seria desviar o rapaz do caminho clerical. Para sustentar seu argumento o padre faz alusão à serpente, comparando a paixão e o desejo de Eugênio por Margarida com os perigos representados pela serpente no mito de criação. Para o

narrador o fanatismo religioso e os abusos da educação claustal levam Eugênio ao estado de deploração física e mental. As ameaças de condenação eterna inculcam na alma do seminarista uma luta cruel que o atormenta sem tréguas. Para esquecer a tentação em forma de mulher, era preciso supliciar e maltratar o corpo, embrutecer o espírito e definhando o coração. Mas, Eugênio não se detém diante de tão horrível alternativa. Por meio de orações, sacrifícios em forma de jejuns e outras formas de mortificações, “caiu em tal estado de prostração, de atonia física e moral, que embotando-se-lhe de todo a sensibilidade e quase extinto o lume da inteligência, o rapaz ficou como que reduzido a um autômato” (GUIMARÃES, 1994, p. 22).

Adepto do romantismo, movimento que caracterizou a literatura e as artes da época, Guimarães (1994) apresenta a rotina de Eugênio no seminário marcada pelo tormento entre a paixão por Margarida e o sacerdócio. Sua crítica ao celibato se dá por meio do discurso sobre a necessidade de se conciliar o amor e a devoção. E, é no bojo dessa crítica que o narrador sensibiliza o leitor ao apresentar a dor de Eugênio que, não suportando por mais tempo a solidão em que se encontrava, e não sabendo onde procurar ajuda e

[...] consolação para o mal que o flagelava, correu a prostrar-se os pés do Crucificado, regou-os com suas lágrimas, e beijou-os cheio de contrição e amor, implorando-lhe que lhe acalmasse aquela febril agitação, que lhe queimava o cérebro, e lhe restituísse a paz no coração (GUIMARÃES, 1994, p. 51).

Todavia, são os fatos relacionados com a tentativa de casar Margarida, seu conseqüente despejo e a mentira que se seguiu que traduzem, de forma mais contundente, a crítica de Guimarães à Igreja e à família brasileira. Pois, os padres superiores, ao perceberem o dilema do rapaz, aconselham seus pais a arranjar um casamento para Margarida, supondo que, dessa forma, ele a esqueceria e seguiria com a carreira religiosa. De modo que, atendendo a sugestão dos padres, os Antunes tentam casar a jovem com um de seus pretendentes, porém, Margarida recusa a proposta, comportamento inadmissível a uma mulher daqueles tempos. A punição por essa ousadia se expressa no abandono, ou melhor, no fim da proteção masculina que mãe e filha gozavam na fazenda da família de Eugênio. As metáforas do paraíso na narrativa sobre a expulsão de Margarida refletem o quanto o narrador repudia os dogmas do celibato. A expulsão de Eva do paraíso pela espada de fogo do

[...] arcanjo vingador, chorosa e a passos lentos, volvendo de quando em quando para o jardim de delícias, que acabava de perder, olhos empanados de lágrimas de indizível angústia. Assim devia retirar-se Eva, sim; porém talvez menos infeliz porque sentia na sua a destra do esposo, que afagava e lhe sustinha os passos vacilantes pelas tristonhas e escabrosas sendas do exílio. Margarida, porém, ai dela!... despedindo-se daquele éden saudoso da sua infância, dizia também eterno adeus ao bem querido de seu coração (GUIMARÃES, 1994, p. 99).

Diante do impasse, os pais do seminarista fazem chegar ao ouvido do rapaz a falsa notícia do casamento de Margarida. Isso faz emergir o caráter ambíguo de Eugênio, que embora acreditando no amor por Margarida não deixou de interiorizar o discurso religioso que sataniza a figura feminina.

Oh, Margarida! Margarida! Que fizeste!...ah!...tu eras mesmo a serpente; teus lábios destilavam veneno de morte...era o fogo do inferno que te incendiava os olhos... com teu amor mostravas-me o paraíso, que era a porta do inferno!... com tua traição e falsidade me abres também o inferno nesta outra vida! [...] (GUIMARÃES, 1994, p. 113).

A partir desse fato, a narrativa sobre o amor que o jovem sente por Margarida se transforma em cólera, o rapaz se debate em acessos de ciúme, o sentimento que antes era puro se torna libidinoso, e ele se envolve em reminiscências dolorosas relacionadas com os encantos do corpo da garota. Então, Margarida não representa mais o amor inocente e casto tão caro aos românticos, passa a ser cobiçada por Eugênio por meio do desejo sexual. A partir daí a representação da figura feminina na obra passa a ser evidenciada pela sexualidade. Trata-se agora de um jovem que vive a lembrar o belo corpo de Margarida – a boca úmida e vermelha,

[...] ninho voluptuoso de beijos e sorrisos, – os seios túrgidos ofegando alterosos em ânsias amorosas, – os olhos quebrados nadando em eflúvios de ternura, – o bafejo suave e perfumado como as emanções de um rosal, – e todos estes misteriosos tesouros, que o pudor recata e ante os quais a própria fantasia do mancebo se detinha tímida e respeitosa, receando profaná-los, tudo isso se lhe apresentava à imaginação com as mais vivas cores e o abrasava em sede de sensualismo [...]. Tudo isso, que havia perdido, era agora pasto franco aos desejos libidinosos [...] (GUIMARÃES, 1994, p. 114).

Em meio aos devaneios e desejos reprimidos, Eugênio segue seu caminho, vence o desafio e se ordena padre. Por outro lado, morre a mãe de Margarida, deixando-a ainda mais sozinha e sem horizonte, que, além disso, é acometida por grande tristeza ao saber que Eugênio se ordenou padre. O religioso volta para a fazenda de seus pais. Lá é chamado para dar conforto espiritual a uma doente, porém, quando chega a casa,

percebe que é Margarida, e, mais uma vez, a jovem é vista como tentação do diabo para desviá-lo do caminho religioso. Por isso não acredita na doença e supõe tratar-se de uma armadilha, que o leva a dizer para Margarida, “vejo-a tão sadia e corada!... por Deus, que não se acha em estado de pedir confissão!... é um laço diabólico, que me estão armando! A senhora não precisa de meu ministério; eu me retiro. Adeus, senhora!” (GUIMARÃES, 1994, p. 127)

Nessa narrativa, Guimarães (1994) enfatiza a ambiguidade do padre, o qual tinha o firme propósito de não voltar mais a casa de Margarida, pois, temia quebrar o voto que fez diante do altar e, como consequência, perder sua alma. Mas, movido pela paixão, o padre retorna a casa de Margarida, é assim, que o passarinho pousado na grimpá da árvore fascinado pela serpente, que enroscada no tronco fita nele os olhos peçonhentos, hirto de pavor e soltando pios lastimosos vem descendo de ramo em ramo até meter-se na garganta escancarada do hediondo réptil” (GUIMARÃES, 1994, p. 133).

O intenso sofrimento do padre, de acordo com a narrativa de Guimarães, pode ser observado por meio de seus lamentos e desespero diante da crueldade do celibato que lhe foi imposto. Para o narrador, ele estaria fadado a ser um padre sacrílego atormentado entre a culpa, o pecado e a paixão impossível. Por tudo, às vésperas de celebrar sua primeira missa, com a morte de Margarida Eugênio enlouquece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do romance *O Seminarista* nos permitiu observar alguns aspectos importantes sobre a mulher, a família e a religião no Brasil do século XIX. Tais relações são bastante complexas para serem analisadas a partir de um romance que apresenta apenas alguns elementos que tratam dessa relação. Porém, é nítida a influência do catolicismo na constituição da cultura e valores dos indivíduos e grupos, embora, segundo Costa (1999), o catolicismo no Brasil nunca tenha sido homogêneo em suas manifestações doutrinárias e institucionais, havendo muitas vezes divergência entre o comportamento do clero regular e seu congêneres secular. Contudo, de acordo com o autor, apesar da existência das divergências, elas nunca impediram um certo número de crenças comuns que foram suficientes para justificar teologicamente o mandonismo dos

senhores. Uma dessas premissas teológicas era a missão evangelizadora implicitamente associada à política de colonização.

Portanto, aspectos da obra *O Seminarista*, que dizem respeito ao lugar da mulher na estrutura social, a autoridade que o pai de Eugênio exerce sobre sua vida, a ponto de escolher seu destino, também podem ser observados em autores como Costa (1999), cujos estudos buscaram compreender as relações familiares, o papel e o poder político da Igreja na constituição da sociedade brasileira desde seus primórdios. Tais estudos apontam para uma convergência entre a literatura e a sociedade. Como nos mostrou Bosi (2012), o gênero romance romântico volta-se como nenhum outro para as realidades empíricas da paisagem e do contexto familiar e social de onde o romancista extrai não imagens isoladas, como faz o poeta, mas personagens, enredos etc. De modo que, as próprias circunstâncias decorrentes dos fatos que deram origem ao romance vão, ao mesmo tempo gerar problemas para o analista social, tais como, a verossimilhança das histórias, a coerência moral das personagens, a fidelidade das reconstruções ambientais.

Tanto a ficção de Guimarães (1994) quanto os estudos históricos desenvolvidos por autores como Costa (1999), confirmam que no Brasil do século XIX, o lugar e o direito dos pais são inquestionáveis e, conseqüentemente, também o são o de todos os demais membros da família. Portanto, o processo de associação da mulher com o mal, denominado por nós neste artigo de “demonização da mulher”, tem como fonte o mito da Eva descrito na Bíblia, mas encontra-se também associado aos princípios paternalistas forjados pelo catolicismo no Brasil que, de acordo com Costa (1999), evoluiu para a criação de figuras rituais e iconográficas que adaptavam continuamente a religião aos interesses do patriciado rural.

Contudo, em nossas análises, não há uma “demonização da mulher” – de maneira generalizada – na obra em questão, mas há sim uma “demonização” da pobreza, da miséria e da subversão que ameaçam abalar as estruturas sociais e religiosas da família tradicional. Tudo isso é personificado na figura singela de Margarida. Ou seja, tudo o que acontece e a envolve, no decorrer da narrativa, é apenas uma forma dissimulada de preconceito social que se utiliza de subterfúgios e concepções religiosas que, naquela época, configuravam o imaginário e o inconsciente da maioria das matriarcas da classe dominante.

E isso acontecia justamente porque as questões religiosas estavam diretamente associadas à política de dominação e, sobretudo, à ideia da predestinação cujo núcleo central era que Deus escolheria para salvação apenas certas pessoas e outras não. Logo, ter um dos filhos ordenado padre, demonstrava influência, *status* e poder, tanto político quanto religioso, na sociedade. Foi primeiramente nesse sentido que Eugênio foi proibido pela mãe de ir à casa de Margarida, quando este lhe confessou que não queria ser padre, pois não tinha vocação.

Em termos mais precisos, não havia no Brasil do século XIX uma demonização da mulher – tanto que as damas e senhoras da elite não eram assim consideradas “bruxas” e estigmatizadas; mas, pelo contrário, eram tão autoritárias e cruéis quantos os homens daquela época em relação aos escravos, subalternos e pobres. A questão central é que se Margarida tivesse posses, mesmo que herdadas (ou fosse de origem nobre), a serpente, no imaginário da mãe de Eugênio (ou seja, no próprio autor), teria uma significação e simbologia positivas – como coragem ou conhecimento – ou então seria irrelevante, uma vez que a moça seria bem vista pela elite econômica e religiosa da época, e, conseqüentemente, bem quista como nora, pois condescendia com os valores e interesses desta classe.

Nesse sentido, acreditamos que a obra não trata basicamente de demonização, mas sim de preconceito social e tendo como fundamento o abstrato maniqueísmo religioso, isto é, a eterna luta entre o “bem” (Deus, família, cidadão de bem: homens e mulheres brancos, com posses, etc.) e o “mal” (Demônio, homens e mulheres negros e pobres, oprimidos, subversivos, etc.).

Em outras palavras, o maniqueísmo faz com que os seres humanos não sejam explicados pelas reais condições sociais de existência e, principalmente, pelas relações sociais nas quais tais condições se desenvolvem, mas acabam sendo explicados por entidades misteriosas que personificam o “bem” e o “mal”. Logo, não se atentam para o fato de que, como dizia Schopenhauer (1980, p. 198), “a maldade humana deve ser procurada na miséria da existência humana”.

Portanto, a ideia de demonização não tem um princípio mágico e neutro nos acontecimentos ou ações pessoais; mas, ao contrário, sua origem tem um caráter religioso, isto é, tem uma determinação histórica e social. Ou seja, os deuses, os valores e as concepções dominantes são representantes do “bem”, enquanto que os demônios e

tudo aquilo que perturba a divina ordem estabelecida são representantes do “mal”, isto é, são “demonizados”.

Conforme Viana (2002), os deuses, demônios e seus simbolismos nada mais são do que projeções dos atos e sentimentos meramente humanos em seres e entidades imaginários que, uma vez constituídos, passam a explicar tais atos e sentimentos, invertendo assim a realidade. De maneira mais precisa:

A linguagem semi-religiosa [...] apenas revela a incapacidade de superar o misticismo e fornecer uma verdadeira explicação dos problemas humanos. A discussão sobre se o ser humano é “bom” ou “mau” é mística, pois tais termos revelam entidades misteriosas que seriam da essência dos seres, sendo uma tradução entre a divisão, também mística, entre o “bem” e o “mal”. [...] Isto produz limites a uma análise do ser humano, pois tais construtos nos colocam no interior de uma ideologia que não pode trazer nenhuma solução, a não ser optar por uma ou outra alternativa ou por mesclá-las (VIANA, 2002, p. 57).

Em suma, a mulher, de maneira generalizada, não é “demonizada” na obra *O Seminarista*, pois isto ocorre apenas com a personagem Margarida, a qual simboliza a condição social, econômica e cultural das mulheres brasileiras do século XIX, cujo processo muitas vezes, anacronicamente, permanece latente nas relações sociais contemporâneas. Portanto, entre a ficção e a realidade nos deparamos com preconceitos, estereótipos, violências, mas também resistências que representam estratégias de luta política, que envolvem tanto mulheres quanto homens das classes subalternas.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ª. Edição, Rio de Janeiro: LCT, 1981.

BAREUTHER, Johannes. **O androcentrismo da razão dominadora da natureza: natureza demoníaca e natureza mecânica**.

Disponível em: <http://www.obeco-online.org/johannes_bareuther1.htm>

Acesso em 14/11/2017.

BÍBLIA. **A Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1985.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 48ª. Edição, São Paulo: Cultrix/ Universidade São Paulo, 2012.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: 4^a. ed. Graal, 1999.

ÉSQUILO. **O Prometeu acorrentado**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher no patriarcado brasileiro. **Fato & versões**, n° 2 v.1, p. 3-16 / 2009.

Disponível em: <[http:// www.catolicaonline.com.br/fatoeversoes009](http://www.catolicaonline.com.br/fatoeversoes009)>. Acesso em 31 de agosto de 2017.

GEVEHR, Daniel Luciano; SOUZA, Vera Lúcia de. As mulheres e a igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. In: **Licencia&acturas**, Ivoti, v.2, n1, p.113-121, janeiro/junho 2014.

GUIMARÃES, Bernardo. **O seminarista**. São Paulo: FTD, 1994.

MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. Prometeu e Pandora entre o espelho e a máscara ou Fantasia, ordem e mistério (notas sobre Mito e Ideologia). In: **Revista de História**, n° 118, pp. 97-156 (1985).

Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/61330/64270>>
Acesso em 20/11/2017.

NASCIMENTO, Maria Filomena. A mulher na Idade Média. **Textos de História**. Brasília, n° 1 v. 5, pp.82-91 (1997).

Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article>>
Acesso em 25 de julho de 2016.

PRIORE, Mary. As atitudes da Igreja em face da mulher no Brasil colônia. In: MARCILIO, Maria Luiza (Org.) **Família, Mulher, Sexualidade e Igreja na História do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1993.

ROMANELLI, Othaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes 2002.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

SILVA, Camila Vieira. Magia e feitiçaria na colônia: a originalidade das práticas sincréticas. **Revista Historiador**. Porto Alegre n° 4 ano 4. pp.77-86, dez.2011.

VIANA, Nildo. **Inconsciente Coletivo e Materialismo Histórico**. Goiânia: Edições Germinal, 2002.

Agradecimentos

Agradecemos o Programa de Concessão de Bolsa de Incentivo ao Pesquisador (PROBIP) da Universidade Estadual de Goiás;

Agradecemos o Curso de Especialização em Linguagens e Educação Escolar.

Artigo submetido em 2018-02-02 e publicado em 2018-05-21